

## Tragédia no lar

Castro Alves

Enviado por:

Publicado em : 05/10/2007 12:57:26

Na Senzala, úmida, estreita,  
Brilha a chama da candeia,  
No sapé se esgueira o vento.  
E a luz da fogueira ateia.

Junto ao fogo, uma africana,  
Sentada, o filho embalando,  
Vai lentamente cantando  
Uma tirana indolente,  
Repassada de aflição.  
E o menino ri contente...  
Mas treme e grita gelado,  
Se nas palhas do telhado  
Ruge o vento do sertão.

Se o canto pára um momento,  
Chora a criança imprudente ...  
Mas continua a cantiga ...  
E ri sem ver o tormento  
Daquele amargo cantar.  
Ai! triste, que enxugas rindo  
Os prantos que vão caindo  
Do fundo, materno olhar,  
E nas mãozinhas brilhantes  
Agitas como diamantes  
Os prantos do seu pensar ...

E voz como um soluço lacerante  
Continua a cantar:

"Eu sou como a garça triste  
"Que mora à beira do rio,  
"As orvalhadas da noite  
"Me fazem tremer de frio.

"Me fazem tremer de frio  
"Como os juncos da lagoa;  
"Feliz da araponga errante  
"Que é livre, que livre voa.

"Que é livre, que livre voa  
"Para as bandas do seu ninho,  
"E nas braúnas à tarde  
"Canta longe do caminho.

"Canta longe do caminho.  
"Por onde o vaqueiro trilha,  
"Se quer descansar as asas  
"Tem a palmeira, a baunilha.

"Tem a palmeira, a baunilha,  
"Tem o brejo, a lavadeira,  
"Tem as campinas, as flores,  
"Tem a relva, a trepadeira,

"Tem a relva, a trepadeira,  
"Todas têm os seus amores,  
"Eu não tenho mãe nem filhos,  
"Nem irmão, nem lar, nem flores".

A cantiga cessou. . . Vinha da estrada  
A trote largo, linda cavalhada  
De estranho viajor,  
Na porta da fazenda eles paravam,  
Das mulas boleadas apeavam  
E batiam na porta do senhor.

Figuras pelo sol tismadas, lúbricas,  
Sorrisos sensuais, sinistro olhar,  
Os bigodes retorcidos,  
O cigarro a fumegar,  
O rebenque prateado  
Do pulso dependurado,  
Largas chilenas luzidas,  
Que vão tinindo no chão,  
E as garruchas embebidas  
No bordado cinturão.

A porta da fazenda foi aberta;  
Entraram no salão.

Por que tremes mulher? A noite é calma,  
Um bulício remoto agita a palma  
Do vasto coqueiral.  
Tem pérolas o rio, a noite lumes,  
A mata sombras, o sertão perfumes,  
Murmúrio o bananal.

Por que tremes, mulher? Que estranho crime,

Que remorso cruel assim te oprime  
E te curva a cerviz?  
O que nas dobras do vestido ocultas?  
É um roubo talvez que aí sepultas?  
É seu filho ... Infeliz! ...

Ser mãe é um crime, ter um filho - roubo!  
Amá-lo uma loucura! Alma de lodo,  
Para ti - não há luz.  
Tens a noite no corpo, a noite na alma,  
Pedra que a humanidade pisa calma,  
— Cristo que verga à cruz!

Na hipérbole do ousado cataclisma  
Um dia Deus morreu... fuzila um prisma  
Do Calvário ao Tabor!  
Viu-se então de Palmira os pétreos ossos,  
De Babel o cadáver de destroços  
Mais lívidos de horror.

Era o relampejar da liberdade  
Nas nuvens do chorar da humanidade,  
Ou sarça do Sinai,  
— Relâmpagos que ferem de desmaios...  
Revoluções, vós deles sois os raios,  
Escravos, esperai! ...

.....

Leitor, se não tens desprezo  
De vir descer às senzalas,  
Trocar tapetes e salas  
Por um alcouce cruel,  
Que o teu vestido bordado  
Vem comigo, mas ... cuidado ...  
Não fique no chão manchado,  
No chão do imundo bordel.

Não venhas tu que achas triste  
Às vezes a própria festa.  
Tu, grande, que nunca ouviste  
Senão gemidos da orquestra  
Por que despertar tu'alma,  
Em sedas adormecida,  
Esta excrescência da vida  
Que ocultas com tanto esmero?  
E o coração - tredo lodo,  
Fezes d'ânfora doirada  
Negra serpe, que enraivada,

Morde a cauda, morde o dorso  
E sangra às vezes piedade,  
E sangra às vezes remorso?...

Não venham esses que negam  
A esmola ao leproso, ao pobre.  
A luva branca do nobre  
Oh! senhores, não mancheis...  
Os pés lá pisam em lama,  
Porém as fronteiras são puras  
Mas vós nas faces impuras  
Tendes lodo, e pus nos pés.

Porém vós, que no lixo do oceano  
A pérola de luz ides buscar,  
Mergulhadores deste pego insano  
Da sociedade, deste tredo mar.  
Vinde ver como rasgam-se as entranhas  
De uma raça de novos Prometeus,  
Ai! vamos ver guilhotinadas almas  
Da senzala nos vivos mausoléus.

— Escrava, dá-me teu filho!  
Senhores, ide-lo ver:  
É forte, de uma raça bem provada,  
Havemos tudo fazer.

Assim dizia o fazendeiro, rindo,  
E agitava o chicote...  
A mãe que ouvia  
Imóvel, pasma, doida, sem razão!  
À Virgem Santa pedia  
Com prantos por oração;  
E os olhos no ar erguia  
Que a voz não podia, não.

— Dá-me teu filho! repetiu fremente  
o senhor, de sobrolho carregado.  
— Impossível!...  
— Que dizes, miserável?!  
— Perdão, senhor! perdão! meu filho dorme...  
Inda há pouco o embalei, pobre inocente,  
Que nem sequer pressente  
Que ides...  
— Sim, que o vou vender!  
— Vender?! . . . Vender meu filho?!

Senhor, por piedade, não  
Vós sois bom antes do peito

Me arranqueis o coração!  
Por piedade, matai-me! Oh! É impossível  
Que me roubem da vida o único bem!  
Apenas sabe rir é tão pequeno!  
Inda não sabe me chamar? Também  
Senhor, vós tendes filhos... quem não tem?

Se alguém quisesse os vender  
Havíeis muito chorar  
Havíeis muito gemer,  
Diríeis a rir — Perdão?!  
Deixai meu filho... arrancai-me  
Antes a alma e o coração!

— Cala-te miserável! Meus senhores,  
O escravo podeis ver ...

E a mãe em pranto aos pés dos mercadores  
Atirou-se a gemer.  
— Senhores! basta a desgraça  
De não ter pátria nem lar, -  
De ter honra e ser vendida  
De ter alma e nunca amar!

Deixai à noite que chora  
Que espere ao menos a aurora,  
Ao ramo seco uma flor;  
Deixai o pássaro ao ninho,  
Deixai à mãe o filhinho,  
Deixai à desgraça o amor.

Meu filho é-me a sombra amiga  
Neste deserto cruel!...  
Flor de inocência e candura.  
Favo de amor e de mel!

Seu riso é minha alvorada,  
Sua lágrima doirada  
Minha estrela, minha luz!  
É da vida o único brilho  
Meu filho! é mais... é meu filho  
Deixai-mo em nome da Cruz!...

Porém nada comove homens de pedra,  
Sepulcros onde é morto o coração.  
A criança do berço ei-los arrancam  
Que os bracinhos estende e chora em vão!

Mudou-se a cena. Já vistes

Bramir na mata o jaguar,  
E no furor desmedido  
Saltar, raivando atrevido.  
O ramo, o tronco estalar,  
Morder os cães que o morderam...  
De vítima feita algoz,  
Em sangue e horror envolvido  
Terrível, bravo, feroz?

Assim a escrava da criança ao grito  
Destemida saltou,  
E a turba dos senhores aterrada  
Ante ela recuou.

— Nem mais um passo, cobardes!  
Nem mais um passo! ladrões!  
Se os outros roubam as bolsas,  
Vós roubais os corações! ...

Entram três negros possantes,  
Brilham punhais traiçoeiros...  
Rolam por terra os primeiros  
Da morte nas contorções.

Um momento depois a cavalgada  
Levava a trote largo pela estrada  
A criança a chorar.  
Na fazenda o azorrague então se ouvia  
E aos golpes - uma doida respondia  
Com frio gargalhar! ...